

**AS OVELHAS DA PASTORA:  
AS MÚLTIPLAS FACETAS DE UMA PEREGRINAÇÃO DE SERGIPE**

**Magno Francisco de Jesus Santos\***

**RESUMO:** Peregrinar consiste em um dos principais atos do universo religioso. As longas marchas estão presentes na maior das religiões e representam o momento em que os devotos, homens religiosos se predispõem a caminhar em busca de um lugar sagrado, da casa de um deus que sempre está alhures. Este trabalho tem como objeto de estudo a peregrinação ao santuário de Divina Pastora, criada no ano de 1958 com os membros da Juventude Universitária Católica e que passou por consideráveis transformações ao longo de sua trajetória. Com esta pesquisa pretende-se compreender a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora, buscando reconstituir alguns dos principais elementos que permearam a trajetória da cidade e da peregrinação. Para que isso se tornasse possível foi necessário mostrar que a peregrinação constitui um evento recente no calendário religioso da cidade e que a tornou um dos mais importantes santuários católicos de Sergipe.

**Palavras-chave:** peregrinação, santuário, religiosidade.

**SHEEP OF THE SHEPHERDESS:  
THE MULTIPLE FACETS OF A PILGRIMAGE OF SERGIPE**

**ABSTRACT:** Pilgrimage is one of the main acts of the religious universe. The long marches are present in most religions and represent the moment when the devout religious men are predisposed to walk in search of a sacred place, the house of a god who is always elsewhere. This work has as objective to study the pilgrimage to the shrine of Divine Shepherdess, created in 1958 with members of the Catholic University Youth and underwent considerable changes during its history. With this research seeks to understand the pilgrimage to the Shrine of Divine Shepherdess, trying to reconstruct some of the key elements that permeated the history of the city and the pilgrimage. For this to become possible it was necessary to show that the pilgrimage is a recent event in the religious calendar of the city and made it one of the most important Catholic shrines of Sergipe.

**Keywords:** pilgrimage, shrine, religiosity.

24 de agosto de 1958. Depois de três meses de reuniões, leituras, preparação e retiros, os jovens universitários das faculdades de Aracaju acordaram cedo, arrumaram suas mochilas e rumaram à Riachuelo. Tinha chegado finalmente o grande dia esperado por todos: o da peregrinação à Divina Pastora. Foi um dia insólito na trajetória religiosa de Sergipe, dando início a uma nova tradição no calendário católico do estado.

A viagem de ônibus entre Aracaju e Riachuelo foi apenas a primeira etapa de uma longa caminhada. No limiar dos primeiros raios de sol sobre o estuário do rio Sergipe as casas dos estudantes passavam por uma agitação diferenciada. Era uma nova

---

\* Graduado em História, especialista em Ciências da Religião e mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. [magnohistoria@gmail.com](mailto:magnohistoria@gmail.com)

experiência para a Juventude Católica. É provável que a ansiedade tenha aflorado em alguns, mas certamente as expectativas eram compartilhadas por todos.

Da matriz Nossa Senhora da Conceição de Riachuelo partiram cinquenta universitários, com roupas leves, mochilas nas costas e sorrisos nas faces. A marcha dos novos filhos da Divina foi organizada em sete fileiras, das quais partiam discussões sobre as questões da fé católica, rezas e orações dedicadas à Virgem. Certamente aquele foi um domingo especial. Era o clímax de todo um projeto idealizado pelo então padre Luciano Duarte, assistente da Juventude Universitária Católica.

A caminhada não foi fácil. Os universitários tiveram que enfrentar inúmeros obstáculos como o calor típico do mês de agosto e as pedras espalhadas pela estrada de piçarra. Os passos firmes dos jovens peregrinos levantavam a poeira, no mesmo compasso em que despertavam o olhar curioso dos moradores da localidade. A peregrinação simbolizou o encontro da Juventude Católica de Aracaju com a população rural de Riachuelo e Divina Pastora.

Deve-se ressaltar que a jornada dos estudantes foi permeada de interrupções, de paradas pré-estabelecidas para as refeições e os debates. Isso fez com que o foco da peregrinação fosse a caminhada e não o ponto de chegada. Foi o início de uma nova tradição festiva em Sergipe.

Tomados pelo cansaço logo após o almoço, os peregrinos universitários tinham diante de si o último obstáculo a ser vencido: a grande ladeira na entrada da cidade. Em passos lentos e não mais tão firmes cumpriram a árdua missão, rezando a via sacra. Esse foi o momento em que os jovens sentiram o peso de subir o monte do Calvário. Foi uma verdadeira via crucis.

No alto da ladeira estava a recompensa. Era a bela igreja matriz Nossa Senhora Divina Pastora que aos poucos ia revelando-se aos olhares curiosos dos visitantes. Lentamente, o campanário ia emergindo entre as árvores, impondo-se na bucólica paisagem da urbe da Cotinguiba. Apesar das dificuldades enfrentadas ao longo do caminho, os estudantes, participantes da JUC, estavam finalmente na casa da Divina.

A partir desse momento, a cidade de Divina Pastora encaminhou-se a passos lentos, assim como seus visitantes inaugurais, para se tornar uma das principais aglomerações receptivas de devotos de Sergipe. Os cinquenta pioneiros multiplicaram-se e, concomitantemente, diversificaram-se. Desde universitários iniciais, as portas da

matriz se abriram também para comerciários, estudantes secundaristas, religiosos e religiosas, enfim, para toda a comunidade católica de Sergipe e além divisas. A peregrinação eclodiu como uma das principais solenidades católicas, fazendo com que dos mais variados municípios saíssem peregrinos buscando a proteção da Divina. Em poucas décadas, no terceiro domingo de outubro todos os caminhos pareciam convergir em Divina Pastora. A cidade solidificou-se como centro receptor de fiéis, como a cidade da fé.

Partindo da relevância histórico-cultural desta manifestação, esse trabalho tem como objeto de estudo a peregrinação à cidade de Divina Pastora, criada nos idos de 1958. A pertinência deste estudo se dar pelo fato da citada solenidade ser atualmente considerada o evento religioso com maior poder de mobilização e congregação de fiéis em Sergipe, chegando a reunir cerca de oitenta mil peregrinos no terceiro domingo de outubro.

Mas, atentar-se para a emergência de uma nova manifestação não é tarefa fácil, ainda mais quando se trata de um evento multifacetado, que congrega elementos dispersos em praticamente todas as paróquias da Arquidiocese de Aracaju e das dioceses de Estância e Propriá. Propor-se a estudar um evento deste porte incumbe em se predispor a peregrinar nas mais diferentes instituições em busca de vestígios que muitas vezes ainda não estão disponíveis à pesquisa. Esse é um dos obstáculos na investigação de períodos mais recentes: a abundância de fontes veladas.

Como esta pesquisa está pautada na análise de conteúdo de documentos de diferentes tipologias e busca valorizar os indícios pouco observáveis, um pressuposto metodológico de análise é o paradigma indiciário, proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989). Trata-se de uma tentativa de compreender a trama histórica por meio dos rastros deixados pelas sociedades que passaram ao longo da sucessão temporal. Por onde o homem anda vai deixando seu rastro, suas pegadas, os sinais de sua passagem, as evidências de sua trajetória, as sobras de seu tempo. A partir destas fontes, o historiador pode atenuar a realidade em foco, buscando reconstituir cenários, ler as paisagens, descobrir os personagens, desnudar um episódio já esquecido, enfim, tecer uma nova versão da narrativa histórica.

Por esse ângulo, a escrita da história aproxima-se da investigação policial. Ambos buscam desvendar um mistério, solucionar um problema, ambos têm a ambição

de descortinar um episódio obscuro. Sob esta ótica, a investigação histórica dialoga nos procedimentos metodológicos com a perícia policial, responsável em angariar vestígios que possam trazer à tona uma versão mais condizente com o passado. O pesquisador tenta não só localizar o documento, mas dialogar com o mesmo, interrogando-o, contradizendo-o. Ao mesmo tempo, o investigador também dialoga com a literatura, ora buscando transmitir vida ao seu enredo, ora imprimindo-lhe aspectos como o suspense na trama. Assim, elementos antes usados exclusivamente pelos literatos como cenários, personagens, enredo e cenas passam a ser reivindicados pelos cientistas da área de humanidades. Trata-se da nova estética inserida na pesquisa acadêmica.

Esse estudo tem como cerne uma celebração de cunho religioso, a eterna busca do homem pelo sagrado. É um olhar debruçado sobre a cristandade católica em caminhada, em marcha perene na tentativa de encontrar-se com o divino. Por muito tempo as questões atinentes ao universo religioso foram delegadas a segundo plano. Os estudiosos da academia viam nas diferentes expressões de religiosidade apenas um alvo de críticas, sinais de uma cultura de “supersticiosos”. Eram poucos os audaciosos intelectuais que ousavam discutir as práticas religiosas sob o âmbito cultural.

Sob esta perspectiva, recentemente vem ocorrendo um aumento significativo dos estudos a respeito das diferentes expressões de religiosidade, com particular atenção para as práticas ligadas ao catolicismo popular. São estudos que buscam compreender a religiosidade através do simbólico. Isso se deu, em grande parte, como consequência do diálogo entre as diferentes áreas do saber das ciências humanas. É neste sentido que se inserem obras como “O Império do Divino” de Martha Abreu (1999), que em plena década de 1980 empreendeu a árdua missão de inaugurar a pesquisa sobre religiosidade no Brasil pautada nos novos elementos da história cultural francesa. É uma obra original, tanto no condicionamento diversificado das fontes, como no modo pelas quais as mesmas foram analisadas. O enfoque da autora foi o de tentar tecer uma relação entre a festa e a cidade, pois ela mostra que a festa do Divino Espírito Santo era no decorrer do século XIX um dos principais elos que congregava a população do Rio de Janeiro.

Outra autora que estabelece uma proximidade entre o novo enfoque de análise provenientes da Europa e as pesquisas no Brasil é Mary Del Priore (1994). Duas obras se destacam no âmbito da religiosidade. A primeira, “Festas e Utopias no Brasil Colonial”, a autora destaca os elementos intrínsecos e externos, buscando evidenciar os

propósitos da festa, os seus múltiplos sentidos, as tentativas de controle e as estratégias de desregramento. A segunda, “Religião e Religiosidade no Brasil Colonial”, busca esmiuçar o universo das práticas de cunho religioso, evidenciando a diversidade e a relação de intimidade do devoto com o divino.

Essas são obras que inauguram uma nova perspectiva de vislumbramento do campo religioso na historiografia brasileira. Todavia, múltiplos olhares têm sido lançados sobre a área, propiciando leituras reveladoras acerca da temática. São intelectuais de diferentes áreas debatendo questões pertinentes à religiosidade. É a partir deste diálogo que se torna possível perscrutar o âmbito religioso em uma dimensão mais abrangente, sem perder de vista o foco microscópico. Esses estudos alastraram-se por variados pontos do país, descortinando imagens de expressões de religiosidades na maior parte dos estados.

Levando-se em consideração apenas as expressões do catolicismo de grande poder aglomerador de fiéis, podemos destacar obras de considerável relevância. Sem dúvidas, uma dessas contribuições está na pesquisa sobre o Círio de Nazaré, realizado todos os anos na cidade de Belém do Pará. Nesta ótica, Isidoro Alves (1977) analisa as multífaces inerentes às festividades da padroeira do Pará. Considerada a mais movimentada das festas religiosas brasileiras, o Círio de Nazaré mobiliza a população paraense durante um mês, permeado de missas, caminhadas, navegações, parques, comércio, culinária, foguetório e apresentações artísticas. É um evento complexo e dinâmico, no qual se torna difícil distinguir o sagrado do profano.

Dos eventos religiosos de grande apelo popular, é possível detectar uma concentração no nordeste brasileiro. São inúmeros santuários receptores de romeiros espalhados do litoral ao sertão. As maiores festividades ocorrem em Canindé, com São Francisco das Chagas; Juazeiro do Norte com o padre Cícero Romão Batista; Bom Jesus da Lapa e Salvador com o Senhor do Bonfim. A romaria de Bom Jesus da Lapa foi alvo de estudo de José Carlos Steil (1998). Trata-se de uma reflexão acerca da origem da romaria e da participação dos devotos nas celebrações. Um elemento que permeia toda a discussão é a presença do sagrado. Da origem misteriosa às supostas intervenções nos momentos de aflição, o sagrado interage no imaginário do homem religioso. Sob esta ótica, o referido santuário teria surgido a partir da manifestação da vontade divina, que teria guiado o fundador.

A intervenção do sagrado constitui um aspecto comum na origem dos centros de romarias do Brasil. Grandes santuários como Bom Jesus da Lapa, Aparecida, Belém, Trindade, Pirapora do Bom Jesus e Muquém teriam surgido a partir de alguma revelação mítica, que resultou por determinar o local escolhido para ser o umbigo do mundo religioso, o santuário (ELIADE, 2001).

Trindade com o santuário do Divino Pai Eterno de Barro Preto é um caso elucidativo, principalmente no confronto entre a memória popular e os resultados das investigações na esfera acadêmica. Esse foi o cerne da pesquisa empreendida por Amir Salomão Jacób, que descortinou o universo mítico da maior romaria de Goiás, despojando as inúmeras ressignificações acerca da devoção. A investigação do autor pautou-se em uma farta documentação (memorialistas, viajantes, missionários, artigos de periódicos, compromissos e prestação de contas das irmandades), o que lhes proporcionou um instigante confronto de informações, evidenciando a erudição do autor.

Um olhar revelador sobre as devoções católicas de massa no Brasil é o artigo de Rubem César Fernandes (1985), que instiga uma leitura das múltiplas apropriações à devoção de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, padroeira do Brasil. Partindo da reflexão acerca dos títulos atribuídos à santa, o autor busca compreender as diferentes representações da devoção no cenário religioso brasileiro, caminhando do catolicismo oficial, às religiões afro-brasileiras. Neste sentido, o embate proporcionado revela o diálogo existente entre as diferentes concepções que montam o mosaico religioso do país.

Todavia, uma das obras inaugurais das pesquisas sobre as grandes festas religiosas no Brasil é “Cavaleiros do Bom Jesus”, de Rubem César Fernandes, que sob o enfoque etnográfico registra a jornada de um grupo de cavaleiros à romaria de Bom Jesus de Pirapora. Ele evidencia a concorrência no campo religioso, a visão dos visitantes, dos moradores da cidade e dos adeptos de outras denominações religiosas. Trata-se de uma obra que reintroduz o olhar etnográfico sobre as grandes festividades religiosas no Brasil.

Como se pode ver, o calendário católico brasileiro é repleto de manifestações de massa, imbuído de diferentes significações. No entanto, a maior parte das obras em questão tem como foco as romarias, surgidas sob a égide popular e que muitas vezes

entrou em choque com os interesses da ortodoxia católica. A nossa proposta buscou descortinar o universo de uma peregrinação, que desde a origem esteve sob a tutela da igreja, ou seja, trata-se de uma manifestação religiosa criada sob a jurisdição do clero oficial, mas que conseguiu incorporar os elementos populares. Divina Pastora nasceu como santuário receptor de peregrinação sob os auspícios do padre Luciano em 1958 e desde então, metamorfoseou-se ao longo dos anos, recebendo cada vez mais peregrinos e juntamente com esses, comerciantes, curiosos, visitantes, aproveitadores, místicos, políticos e festeiros. Aos poucos, a pequena cidade cravada no alto da colina foi despertando como cidade sagrada, tornando-se a cidade da fé, como proclamam as autoridades locais.

Assim, abrem-se as cortinas para o espetáculo criado, para a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora. É só trilhar os caminhos da pesquisa para descobrir um objeto revelador, propiciador de instigantes devaneios, mas que ainda muito esconde. A peregrinação esconde-se em seus rastros, em sua cultura material. As portas da imponente matriz se abriram para as investigações, mas a penumbra do desconhecimento ainda predomina. Esses são, portanto, os primeiros tímidos passos de uma longa caminhada.

### **1 A Juventude sobe o Monte**

No raiar do ano de 1958, Aracaju recebera com festa o promissor clérigo que tinha obtido o título de doutor na Sorbonne com as mais altas honrarias. Aclamado no meio acadêmico francês e na sociedade sergipana, o jovem padre buscou imprimir uma nova feição no âmbito das solenidades religiosas locais, inserindo no calendário novos eventos. Com o seu retorno, o padre reassumiu as atividades como assistente eclesiástico da Juventude Universitária Católica, promovendo reuniões e apresentando novas propostas para os membros. As reuniões com o padre Luciano Duarte tornaram-se freqüentes. Parecia que ele tinha entusiasmado os jovens universitários com suas idéias gestadas na França.

Os universitários de Aracaju passaram a ter uma jornada dupla de estudos, pois além das aulas obrigatórias nas diferentes grades escolares das faculdades, os mesmos participavam ativamente das reuniões da JUC, nas quais havia preleções do padre Luciano e debates acerca de textos clássicos sobre a fé. A rotina universitária aracajuana

passava por um momento diferenciado, com cogitações sobre o que estaria despertando a atenção daqueles estudantes. Qual era, afinal, a proposta do padre para aqueles jovens?

A revelação da proposta não tardou e difundiu-se no meio acadêmico e religioso vertiginosamente. Tratava-se de um projeto ousado, audacioso para a época, pois o padre pretendia realizar em poucos meses uma peregrinação dos universitários de Aracaju para a cidade de Divina Pastora. As peregrinações tão difundidas na Europa não eram muito conhecidas em terras sergipanas. Era uma novidade que tinha conquistado o interesse dos membros da JUC, até porque significava um passo de considerável relevância realizar um evento daquele porte. Porém para se por em prática a idéia foi necessário o engajamento de vários membros da JUC, na discussão de textos, confecção de santinhos, organização do evento e treinamento dos líderes. O tempourgia e os preparativos não eram poucos. Certamente o prestígio do padre organizador deve ter contribuído para o sucesso da empreitada. Era preciso pormenorizar os passos do evento, ter sob controle as ações dos membros da JUC para assegurar o êxito da peregrinação.

Mas, afinal, o que consistiria aquela peregrinação à Divina Pastora? Qual era a novidade e por que o interesse da diocese em assumir a causa de sua realização? Tais questões são relevantes para poder compreender as proporções do empreendimento do Pèguy sergipano. Trazer o modelo de peregrinação da França não representava um mero transplante de uma religiosidade. Teria muito mais a revelar.

A peregrinação à Divina Pastora trazia a Sergipe algumas novidades. Ela não seria mais uma das romarias que já eram realizadas no estado, sem controle do clero sobre as práticas devocionais, em que predominavam as devoções típicas do chamado catolicismo rústico. Era uma nova estética devocional, iniciada com um público seletivo: os universitários de Aracaju. Assim, um primeiro ponto a ser observado era a preparação. Para ser peregrino não precisava somente se predispor a caminhar por uma longa estrada. Era preciso estudar, debater textos em torno do tema escolhido para a peregrinação inaugural: Jesus Cristo, nosso Salvador.

A proposta do padre Luciano Duarte realmente era inovadora. Consistia na realização de uma caminhada devocional com jovens universitários, sem imagens de santos, debatendo uma temática previamente selecionada. Era uma forma de atenuar os

espíritos dos universitários sergipanos, de corroborar para a disseminação de uma nova proposta evangelizadora. A estética do cortejo era inovadora e, até certo ponto, assustadora, pois os universitários caminhariam perfilados entre Riachuelo e Divina Pastora sem nenhum andor ou estandarte. Consistia na marcha intelectual católica, de reflexão sobre as questões da fé.

Isso explica, em certa medida, o interesse imediato da Diocese de Aracaju pela peregrinação. Além do prestígio que o padre Luciano detinha na mesma, a peregrinação poderia se tornar alvo de um novo fôlego para a orientação devocional da igreja, reflexo das preocupações católicas da época. Outro motivo que tornou a proposta atrativa foi o fato de tentar prender os olhares dos universitários na questão da fé, evitando assim os perigosos e sedutores desvios que rondavam, principalmente as idéias do comunismo marxista. Com a semente da peregrinação, pretendia-se cultivar o pensamento católico no interior do mundo acadêmico sergipano.

## **2.1 A Marcha Inaugural**

A primeira marcha sagrada dos universitários aracajuanos para a cidade de Divina Pastora despertou o interesse de alguns jovens. O número de peregrinos não era espantoso, assim como se caracterizavam as ações da JUC. Tudo caminhava para dar início a um novo entendimento do universo sócio-religioso de Sergipe, pautado na difusão de peregrinações, retiros e com a novidade de disseminar a palavra bíblica pelas ondas do rádio. A cristandade sergipana finalmente respirava os novos ares proporcionados pela modernidade plangente. Ao que tudo indica, a intenção era recriar o universo religioso do estado, reorientar a religiosidade da sociedade local, a começar pelo setor universitário, a famigerada “classe pensante”.

Esse constitui um indício relevante na escolha da cidade de Divina Pastora como destino dos andarilhos da JUC. Naquela época Sergipe era dotado de importantes santuários populares, focos de tradicionais romarias que atraíam milhares de romeiros todos os anos, que poderiam se tornar também o destino da nova peregrinação. Todavia, o intuito da diocese local era promover um novo olhar, de estimular uma nova expressão de religiosidade, pautada na ausência de práticas tidas como supersticiosas. Neste sentido, realizar uma peregrinação para cidades-santuário já consagradas significava por em xeque o propósito de moldar o culto dos sergipanos. Assim, era

preciso partir do ponto zero, fundar um novo local sagrado em que não imperassem os elementos místicos da religiosidade popular.

Concomitante às discussões, o padre Luciano investiu na divulgação do evento, tendo como principal veículo a sua coluna no jornal A Cruzada. Sentia-se a necessidade de estimular a marcha sagrada em terras sergipanas, difundir o novo modelo de religiosidade. O transplante desse mecanismo de deslocamento de fiéis em busca de uma realidade diferenciada, distante, precisava ser apresentado ao público católico local. A boa nova deveria ser conhecida de todos e por esse motivo ela foi divulgada incisivamente na imprensa. Com isso, tornava-se propício demonstrar que a tradição de peregrinar consistia em uma ação com relativa tradição nos estados do sudeste do país. Nesta perspectiva,

O que os universitários de Aracaju vão agora fazer, nesta peregrinação que a Juventude Universitária Católica promove a Nossa Senhora Divina Pastora, está na linha do fazem seus irmãos, em várias partes do mundo, mas eles vão entrar numa perspectiva que remonta muito mais longe, que floresce na Idade Média que reponta nas origens judaicas do cristianismo. (DUARTE, 1958, p. 01).

A tradição que estava sendo criada em Sergipe possuía bases profundas, no início dos cultos judaico-cristãos. E isso ficou explícito nos textos produzidos sistematicamente pelo padre Luciano Duarte. Ao tentar enfatizar a relevância histórico-bíblica das longas caminhadas em busca de santuários, ele buscou legitimar a sua novidade, evidenciando que não se tratava de uma forma de penitência inventada, mas sim deixada nas sagradas escrituras e referendadas por diferentes povos e épocas. Tornava-se imprescindível demonstrar que fazia parte da essência do cristianismo às espessas jornadas em esperança de encontro com o universo cósmico ordeiro divinizado. As falanges da Juventude católica estariam em marcha para o encontro decisivo com Deus. Por esse motivo a ênfase recaía sobre o despojamento dos bens materiais e na acolhida da penitência pautada na discussão sobre o divino. Nestas incursões discursivas na imprensa local o padre da JUC tentou conceituar a peregrinação:

É por isto que o cristão peregrina. Peregrinar é por-se em marcha, é lançar pela estrada pela experiência de deixar o que se tem, em busca do que ainda não se tem, mas se espera. O peregrino é assim um homem que põe nos seus passos a inquietação interior de sua alma. Que deixa o morno conforto de sua mediocridade em busca de algo de maior que ainda não lhe pertence. Como aquele que “perde sua vida para encontrá-la” de que fala Jesus Cristo no Evangelho, o peregrino é um despojado na esperança. (DUARTE, 1958, p. 01).

No texto acima se percebe a ênfase dada na idéia de deslocamento na busca do que estaria aquém, do que não poderia ter acesso no mesmo lugar. Neste sentido, pode-se dizer que o padre Luciano Duarte entendia a peregrinação em seu sentido antropológico, pautada na idéia da busca, do caminho em direção de um sagrado que insiste em permanecer a relativa distância, alhures ao universo rotineiro do devoto. Com isso confirma-se o propósito do “eterno retorno” (ELIADE, 2001).

Todavia, as narrativas preparatórias da peregrinação à Divina Pastora buscavam também reforçar o caráter sacro do evento, o ideal de penitência, o propósito de descobrir a sacralidade. Partindo deste entendimento, o padre Luciano tentou explicitar o ângulo almejado para a caminhada a nova cidade santa de Sergipe:

Os universitários de Aracaju vão pôr-se em marcha. Eles sabem divertir-se e fazer estrondosos pique-niques. Mas desta vez não se trata disto. É em busca do Senhor que eles vão partir. Também a romaria deles é uma ascensão. Lá no alto do monte, dominando os campos verdejantes mercê deste inverno escoado, que estamos tendo (como dizem os sertanejos), a igreja Nossa Senhora Divina Pastora, toda branca de cal, na simplicidade de seu estilo é um regaço materno para acolher os filhos que vêm vindo. (DUARTE, 1958, p. 08).

Percebe-se que existe uma preocupação em reforçar o caráter religioso do evento, pois a peregrinação teria como público os jovens estudantes universitários. O lado festivo, barulhento e profano dos jovens deveria ser sufocado, controlado, vigiado. Era o momento de tentar inserir um novo modo de ser, de constituir um corpo intelectual engajado com a religião católica. Assim, disciplinavam-se os universitários na tentativa de construir um novo foco de religiosidade, de criar um santuário sob a regência do clero local. Os preparativos estavam concluídos. Aumentavam as expectativas na espera da grande marcha.

Às vésperas do grande dia, a imprensa católica de Sergipe anunciava os últimos informes e o roteiro da peregrinação. Parte do clero aracajuano e os cinquenta universitários que tinham se predisposto a caminhar na manhã de domingo aguardavam ansiosos pela celebração para a qual estavam a três meses em preparação, com cursos, retiros e orações. Festivamente A Cruzada anunciou a inédita peregrinação:

Sobem amanhã a Divina Pastora, em peregrinação, os universitários de Aracaju. Partindo de Aracaju às 8 hs, os estudantes descerão em Riachuelo, donde prosseguirão a pé para Divina Pastora. Sua marcha está dividida em duas etapas, cada qual dominada pela preocupação de um tema. Pela manhã, o assunto da troca de idéias e da reflexão será:

Jesus Cristo Filho de Deus. À tarde será Jesus Cristo Redentor.  
(MACHADO, 1958, p. 01).

A prévia descrição pormenorizada tinha como intenção estabelecer um percurso definido, estabelecer uma caminhada maculada pelo espírito de devoção e discussões a respeito das questões da fé. Assim, tornaria oportuno propiciar o processo renovado de evangelização, transubstanciado na atenta observação do clero e dos líderes de grupo. Reforçar esse aspecto do evento religioso nunca seria demais e isso ocorreu até a véspera do grande dia, com os organizadores publicando notícias sobre a mesma. Outro elemento que foi sistematicamente ressaltado foi a idéia de família. Os membros da JUC seriam naquela ocasião partes de um mesmo grupo, sob a regência de um mesmo intuito, na busca pelo sagrado imbuídos do caráter espiritual, ao menos era o que se desejava. Por esse motivo os números não consistiam na preocupação maior. O ideal era formar uma equipe coesa de peregrinos que conseguisse debater sobre o tema proposto. Isso aparece explicitamente na nota “Uma experiência que marque”, no jornal A Cruzada, como pode ser verificado:

Os organizadores da peregrinação fazem questão de acentar o caráter espiritual e religioso da mesma. A preparação da peregrinação se fez expressamente, sem preocupação de publicidade e sem a obsessão do número. Peregrinação é marcha em busca de Deus. É o apelo que a Juventude Universitária Católica dirigiu a seus colegas, foi um apelo à liberdade de cada um, para que também ele, se quiser, se ponha em marcha para Deus. Marcha em comum, marcha da comunidade universitária, que como um punhado de irmãos, como um pedaço da família da Igreja, parte à procura do Senhor (A Cruzada, 1958, p. 01).

Também pode ser destacado o período para a realização da peregrinação, quase sempre marcado pela escassez de chuvas e com a permanência de temperaturas consideravelmente amenas. As condições climáticas eram de grande valia para o sucesso do empreendimento, pois era necessário estimular a participação dos jovens para uma longa caminhada, pouco usual na tradição religiosa do estado até então. A chuva repentina ou o calor excessivo poderia por fim aos planos do padre peregrino.

Tentando observar o caráter penitencial da celebração, na noite de sábado para domingo os jovens peregrinos passaram em vigília, preparando-se para o ato do dia seguinte. Afinal, o lugar sagrado que eles tanto esperavam estava a poucos quilômetros e em pouco tempo se deslocariam ao seu encontro. O sagrado estaria “um pouco mais adiante” (TERRIN, 2004, p. 370). É possível imaginar as expectativas que perpassaram

pelos universitários que depois de três sofríveis meses de palestras e estudos iriam coroar as ações da JUC com a caminhada para uma cidade quase que desconhecida do interior sergipano. A emoção certamente permeou o grupo e pode ter tirado o sono de muitos. “A espera continuava. Mas a espera alimenta a exaltação” (DUVIGNAUD, 1983, p. 105).

Sabemos que nos últimos anos os estudos das ciências humanas têm assumido um novo perfil, ganhando interpretações sobre o universo emotivo da sociedade. Assim, pesquisas têm buscado perscrutar por aspectos antes inimagináveis, apreendendo sensibilidades, descortinando sorrisos e lágrimas, apresentando ângulos distintos de uma mesma realidade. O pesquisador penetra nas festas e penitências no intuito de descobrir realidades ainda não vislumbradas ou ao menos ignoradas pelos olhares congelantes da academia. Emerge neste sentido uma perspectiva viva do fenômeno social, apresentando novos sujeitos e práticas. O impalpável passa a ser alvo das investigações a respeito do universo religioso. Contudo, pode-se dizer que essa faceta obscura, pouco observável das celebrações religiosas não permanece todo o tempo em seu estado abstrato, “este elemento imaterial e talvez antes inexistente materializa-se no ato coletivo que o constitui, onde ele compõe a parte subterrânea da promessa. Esperar é preparar a concretização mágica desta manifestação.” (DUVIGNAUD, 1983, p. 105).

O lado emotivo das celebrações religiosas consiste em uma faceta de grande relevância para a compreensão do sentido do universo místico da religiosidade. O homem religioso busca manter a experiência com o sagrado, se aproximar do santo de devoção na tentativa de amenizar suas angústias, de sanar suas dores. Elementos como identidade, sentimento e sensibilidade permeiam a esfera religiosa e não podem ser desconsideradas pelo pesquisador. Em *Divina Pastora*, os iniciais peregrinos sucumbiram à emoção diante da expectativa de poder encontrar-se com a ordem cósmica sacralizada. Sorrisos dividiam espaço com o nervosismo.

A espera mágica pela peregrinação permanecia. A ansiedade pairava sobre os membros da JUC e com os primeiros raios de sol sobre as águas turvas do rio Sergipe, na aurora da Rua da Frente de Aracaju, os jovens caminhavam apressados pelas ruas para a escola de Serviço Social, de onde saíam três ônibus conduzindo peregrinos e clero para Riachuelo. Tinha início a grande marcha. Os ônibus partiram de Aracaju na manhã de domingo do dia 24 de agosto de 1958. O dia seria longo, mas o entusiasmo

contagiava e aumentava as expectativas. Chegando a Riachuelo tinha início a jornada. Ao descer dos ônibus os participantes da peregrinação inaugural se deparavam com a longa estrada, que desaparecia no horizonte em meio aos canaviais. Os peregrinos dividiram-se em três grupos, representados por desígnias católicas.

Os sinais cristãos foram carregados na peregrinação por três homens, membros do clero e da JUC. Eram eles que puxavam os pelotões que caminhavam discutindo a temática proposta. É importante ressaltar que os estudantes estavam usando trajes especialmente confeccionados para a celebração, constituindo o que se poderia chamar de uniforme da marcha divina. Na imagem da primeira peregrinação percebe-se que os membros da JUC estão usando roupas leves e compostas, denotando o caráter religioso da ocasião e a proposta de evitar os fortuitos desvios da juventude. Blusas com botões e mangas, saias longas e calças compridas, além do indispensável chapéu fizeram parte da vestimenta dos primeiros peregrinos. Além disso, todos tinham a altura do peito um broche da peregrinação. Todos estavam demarcados, sinalizados para as atividades que teriam de ser realizadas naquele dia. Naquele momento todos pertenciam ao mesmo grupo, temporariamente homogêneos, a caminho da cidade a ser sacralizada.

A angústia foi um dos componentes da caminhada. A cada passo ficava para trás a cidade de Riachuelo que aos poucos ia desaparecendo em meio à vegetação. Passava-se o rio, seguia pelos pedregulhos da estrada enladeirada e curva. Não havia mais olhares para o que tinha ficado. Todos os olhos estavam fitos para o horizonte a ser vislumbrado, pois “a estrada se abria pela primeira vez para essa estréia sobrenatural; era a hora do início, a hora da apreensão e da pergunta que cada um formulou a si próprio” (MONTAL, 1958, p. 01). Indagações eram muitas. Os jovens não sabiam ao certo o que iriam encontrar, em que realmente consistia peregrinar. A peregrinação partiu com um grupo homogêneo. Os três grupos estavam subdivididos em equipes de cinco pessoas, que iam debatendo. Segundo Gratia Montal:

Estava dividida em três grupos representados por signos litúrgicos, o primeiro trazendo a frente à cruz, sinal da redenção. Cada grupo era dividido em equipes de cinco pessoas, divisão esta que deu lugar à ordem impressionante dos peregrinos na estrada: de cinco em cinco eles marchavam pela estrada dos homens para descobrir a estrada de Deus; nada os perturbou, nada os desviou do seu roteiro original. (MONTAL, 1958, p. 01).

Na cosmovisão dos peregrinos, a estrada de Riachuelo tinha se metamorfoseado no caminho da salvação, na estrada sagrada, nos trilhos divinos. O percurso sofrível aliado às discussões fez com que os seguidores da marcha sentissem uma situação diferenciada. Por um momento os universitários estavam deslocados de sua realidade rotineira, do caos da urbe aracajuana da década de 1950, entrando num estado de purificação nas estradas de pedras que levavam a Divina Pastora. As dificuldades do percurso serviam como um mecanismo de purificação, de êxtase, preparando os corpos cansados para a entrada temporária no ambiente sagrado, na casa da Divina Pastora. Com isso, confirma-se a concepção de Eliade (2001) de que o “*homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real”. (ELIADE, 2001, p. 164). Mas a peregrinação da JUC apresentava novidades. Era uma marcha de debates. Os universitários iam discutindo as temáticas propostas e estudadas ao longo dos três meses anteriores, sobre a figura de Jesus Cristo. Antes mesmo do Concílio do Vaticano II a juventude sergipana já vinha debatendo as questões relativas à fé.

Diferentes elementos inerentes à peregrinação podem ser descortinados a partir da reflexão acerca dos registros documentais. A realidade sensitiva também estava presente e pode ser diagnosticada por meio das lentes da história sob o enfoque do paradigma indiciário. As pistas da passagem dos primeiros peregrinos ainda estão disponíveis para os pesquisadores, para os investigadores da religiosidade católica. Silêncio, percepção do tempo, sensibilidade diante dos sacrifícios e do outro, do diferente, do estranho, permearam os relatos sobre a caminhada. Os jovens caminhavam para a descoberta de um novo enfoque em suas vidas, somando o desconforto das intempéries naturais com o prazer em descobrir um novo mundo. A peregrina Gratia Montal chegou a refletir sobre a sanidade do seu grupo:

Não seriam, por acaso, aqueles jovens uns loucos, caminhando numa manhã quente, numa estrada desconhecida, para identificar o Cristo? Na verdade eles eram loucos, loucos de ansiedade de conhecer a Deus e de encontrá-Lo. E toda procura, toda busca é uma inclinação, é um silêncio, para se ouvir ou para se ver algum sinal do que se busca; por isso os peregrinos andavam em silêncio para descobrir a Deus. Foi este um dos gestos mais tocantes da Peregrinação assim marcada por coisas simples e interessantes: ao silêncio daquelas almas, à mortificação daquelas vontades jovens, a natureza também fez silêncio, também se mortificou; lá num pequeno monte silencioso também os bois comiam e cochilavam, e a passagem dos peregrinos eles se voltavam, ergueram as cabeças, admirados, assim

permanecendo por longo tempo. Que pensariam eles se pudessem pensar, eles que também louvaram o Senhor? “Animais selvagens e rebanhos pacíficos bendizeis ao Senhor. (MONTAL, 1958, p. 01).

O depoimento deixado pela peregrina na imprensa aracajuana é revelador. Ela apresenta as múltiplas facetas que se fizeram presente na caminhada da JUC em 1958. Ela tentou enfatizar a idéia de morte do corpo em contraponto com a elevação do espírito. Silenciar era preciso para deslocar-se para o lugar sagrado. O devoto deveria calar-se para sentir a mudança temporal, a sua entrada no mundo sacralizado, nos lastros do divino. Os passos dos caminhantes simbolizavam também a mudança temporal. Concentração, passos firmes e batimentos cardíacos acelerados apresentavam para os devotos a mudança temporal, tudo isso cercado de uma realidade inócua, rotineira, demarcada pela lentidão da natureza. O profano abria-se na estrada de Divina Pastora para a passagem da realidade sacralizada, dos universitários em busca do divino. Enquanto o rebanho fustigava seus alimentos ou adormecia na inerte rotina bucólica, os jovens aracajuanos passavam com olhares distantes na tentativa de vislumbrar a matriz. Eram aventureiros inseridos na cosmovisão religiosa de apreensão do sagrado.

Diferentes temporalidades se confrontavam naquela manhã de domingo ensolarada, com a constituição de um território móvel do sagrado, que se deslocava pelas estradas. A peregrinação tinha constituído um corpo próprio, seu tecido que se estendia e arrastava pelas cercanias. A coesão do grupo era um tópico de grande relevância para o sucesso da peregrinação, pois propiciava sua maior visibilidade e facilitava a vigilância por parte dos membros do clero. Esses dois pontos possuem considerável importância no processo de evangelização almejado na proposta da Juventude Católica. Nos novos rumos da Igreja tornava-se eminente a necessidade de exhibir-se, de se fazer mostrar para a sociedade. Neste caso, eles estariam divulgando uma nova expressão de religiosidade, apresentando um jeito de culto mais racionalizado e menos supersticioso. Quanto à vigilância tornava-se preciso empreender o olhar observador, para evitar os possíveis desvios da carne e submeter o grupo às atividades propostas nas reuniões. Os membros da JUC serviam como modelo de evangelização e não poderiam incorrer com os mesmos equívocos do catolicismo rústico.

Um modelo a ser seguido por todos. É por isso que a jovem peregrina descreve minuciosamente o trajeto do grupo, sem esquecer de registrar até as reações dos animais. Diante do sagrado todos se paralisam, permanecem estáticos vislumbrados com a passagem de um universo distante, pertencente a outro cosmo, que insiste em

atravessar o mundo ordinário e caótico da profundidade. É possível perceber ao longo da história cristã diferentes momentos em que ocorre interação entre o sagrado e o mundo animal, dando a idéia de que os seres irracionais teriam a sensibilidade de perceber a presença sacra. Na cosmovisão de Montal, os animais que pastavam tranquilamente nas redondezas de Riachuelo e Divina Pastora também teriam sentido a passagem do grupo em busca do sagrado, o tempo diferenciado. Percebe-se até certa reverência dos animais, pois seguindo consta na descrição da testemunha ocular, os animais teriam parado suas ações corriqueiras para observar a passagem do sagrado, do cortejo em busca da Divina Pastora, erguendo suas cabeças e “permanecendo assim por longo tempo” (MONTAL, 1958, p. 01).

Na assertiva de Gratia Montal não aparecem somente animais contemplativos. Todos lançavam seus olhares para as estradas, com o intuito de observar uma cena inédita na localidade. O estranhamento do espetáculo clamava a atenção da população local, que curiosa observava a passagem dos peregrinos. A peregrinação representou também neste sentido o encontro de dois universos distintos, até então desconhecidos. Universitários e camponeses trocavam olhares desconfiados, outrora permeados de curiosidade, subsequente estratificados pelo respeito. Assim, entravam em cena os camponeses da Cotinguiba, maculados pelo labor diário e que sentiam a passagem de uma temporalidade sacra. “Outra hora eram os camponeses que tiravam o chapéu e baixavam respeitosamente a cabeça ouvindo entoar a Ave-Maria dos peregrinos. A peregrinação foi uma palavra, um canto, ora da natureza, ora dos corações, descobrindo Deus” (MONTAL, 1958, p. 01).

Silêncio, cânticos, cabeças cabisbaixas, chapéus em mãos fizeram parte do cenário da primeira peregrinação. São indícios de uma realidade em mutação, em metamorfose do profano para o sagrado. Os pequenos sinais dispersos no emaranhado das memórias referentes ao cortejo espiritual podem revelar aspectos inerentes a múltiplos campos da religiosidade. De repente, o catolicismo rústico deparava-se com a passagem da devoção reformada, controlada pela ortodoxia e se curvava. Era a passagem do sagrado. Mesmo sem saber ao certo o que ocorria naquela ocasião, os populares da região entenderam que ali ocorrera a marcha em busca do divino (ou seria da Divina?). O ecoar dos cânticos pelas pastagens e campos transmitia a idéia de sacralização. Em resposta, os camponeses retiraram chapéus, baixaram olhar, oraram.

Pode-se dizer que naquele momento teria ocorrido um encontro de sensibilidades diferenciadas. Como explicita Mircea Eliade, “a sensibilidade religiosa das populações encontra-se gravemente empobrecida. A liturgia cósmica, o mistério da participação da natureza no drama cristológico tornou-se inacessíveis aos cristãos que vivem numa cidade moderna” (ELIADE, 2001, p. 145-146).

Essa relação homem/sagrado/natureza enaltecida por Eliade constitui uma questão de grande relevância. Partindo da narrativa elaborada pela peregrina da JUC, podemos perceber que a caminhada dos membros da Juventude representou o encontro destes com um universo ainda não visto por muitos. Tratava-se do encontro do homem urbano com seu lado ruralesco, já esquecido, apagado da tradição da capital aracaçuana. Trabalhadores rurais e animais pastando, ambos contemplando a passagem do grupo em marcha simbolizaram esse reencontro temporário do *homo urbanus* com a tradição, a essência católica. Encontro este simbolizado pela rápida troca de olhar.

A caminhada discursiva era lenta, pois os estudantes tinham como propósito maior debater. Ao meio dia os jovens cansados pela jornada pararam para o descanso e para a refeição. Encontravam-se mais uma vez com a natureza que metaforicamente foi transformada em templo, construído pelo sagrado. Assim os peregrinos contemplaram as árvores ao sopé da grande ladeira:

Era quase perto do meio dia, o sol queimava como um símbolo aquelas fronteiras inquietas, lembrei-me que Caudel no seu poema *La Vierge à mede*, onde diz assim: “é meio dia. Vejo a igreja aberta. E devo entrar”. Eles também, os neo-peregrinos precisavam entrar, mas não tinham igreja por enquanto; esperava-os um taquaral sombrio formando verdadeiras colunas que sustentavam uma folhagem fechada como a abóbada de um templo; foi ali, naquele templo feito pelas mãos de Deus que os universitários dividiram as suas dúvidas, as suas dificuldades da longa procura do Senhor; foi ali que alimentaram o corpo marcado pelo cansaço dos caminhos; foi ali que repousaram para continuar o louvor a Deus, foi ali que a chuva caiu sobre eles como bênção... (MONTAL, 1958, p. 01).

A interação homem/ natureza permanece sendo a tônica da narrativa de Gratia Montal, que busca reforçar o caráter sacro da celebração, apresentando os fenômenos da natureza como bênçãos divinas. Calor, árvores, chuvas foram interpretadas como a gratificação divina pelo esforço dos peregrinos, ou seja, as súplicas dos andarilhos estavam sendo atendidas. Tudo parecia ser providencial, ao menos na cosmovisão do grupo. Observando a partir das categorias de análise elaboradas por Mircea Eliade, pode-se dizer que naquela ocasião os peregrinos estavam imbuídos do universo sacro,

pois para o *homo religiosus*, a natureza é transformada em símbolos do sagrado, ou seja, a realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Ele adora pedras, árvores que perdem o seu significado original, passando a ser simplesmente o sagrado. “Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do seu meio cósmico envolvente” (ELIADE, 2001, p. 18). Neste caso, os peregrinos de Divina Pastora estavam vislumbrando uma hierofania, na qual a natureza galgava um novo sentido, atribuições sobrenaturais. Assim, o cosmo ordinário passa a ser extraordinário. O caos transmuta-se para a ordem. As portas da realidade sacra aproximavam-se, despertando expectativas.

Após o descanso, os jovens peregrinos enfrentaram a mais árdua etapa do cortejo, a subida da grande ladeira. Nesta etapa eles discutiam a figura de Cristo como redentor dos homens. A peregrinação inaugural aproximava-se de seu destino, o templo da Divina. Silêncios, cânticos, orações e via sacra foram reforçadas na entrada da cidade santificada. Subir a ladeira era a missão derradeira dos jucistas. Ocorria então uma “nova marcha em silêncio, o canto da Ave-Maria ecoava novamente pelo espaço a subida da montanha. Nova marcha da Igreja, dos cristãos com seus sacerdotes, com seu Bispo que batizavam com seus passos as estradas da Divina Pastora” (MONTAL, 1958, p. 01).

Novamente ocorreu um encontro. Desta vez entre os universitários membros da JUC e os moradores da cidade. As portas imponente matriz se abriram no limiar da luz do sol para receber os seus visitantes extenuados pela jornada que tinha perdurado todo o dia. As cortinas do dia já estavam sendo cerradas quando emergiram as penumbras dos primeiros peregrinos, a passos lentos, destituídos de forças e impávidos pela contemplação da casa da Divina. O símbolo da porta é de grande relevância no universo sacro, por representar a passagem, o portal entre o profano e o sagrado. Na ocasião da peregrinação as portas que separavam esses dois universos foram abertas, possibilitando constituir um canal de comunicação entre ambos.

A porta, portanto, representa o lugar onde acontece a passagem de um estado a outro, a dobradiça entre dois mundos, entre o sagrado e o profano, e a porta protege o sagrado, esconde o mistério. Participa desse modo da própria ambigüidade do sagrado: tem o seu momento “fascinante”, mas comporta também um *tremendum* (TERRIN, 2004, p. 384).

A passagem pela porta da matriz possui uma simbologia capitular no enredo da peregrinação por representar o momento do encontro dos devotos com a realidade sacra, transportando a tênue fronteira entre o sagrado e o profano. É a porta que separa a ordem do caos, protegendo a primeira do último. Ela constitui um limite entre um lugar e outro e por esse motivo não constitui um lugar em si. Esse é um dos motivos que em rituais religiosos como o das rezadeiras não é permitido permanecer debaixo da arquitrave da porta, pois pode reter a circulação de energias, das forças exorcizadas do enfermo. A porta é a responsável pela preservação do segredo, dos mistérios da sacralidade e por isso a passagem do devoto para a realidade extraordinária sempre é temporária, esporádica. O retorno para o universo ordinário e caótico é inevitável. A permanência no centro, no umbigo do mundo é curta.

Os peregrinos da Divina Pastora podiam finalmente vislumbrar com a paisagem da cidade, na qual a imagem da matriz emergia e se impunha diante dos olhares atentos dos visitantes. Finalmente ocorria o encontro dos filhos da Divina com sua mãe.

A tarde já começava a mudar de cor do seu véu anunciando a chegada dos peregrinos. E agora um templo de verdade os esperava, a casa da mãe de Deus. Eles iam a seu encontro, porque ela conhecia melhor a Quem eles procuravam; ela que O teve dentro do seu ser, de suas entranhas, poderia ensinar-lhes a descobri-Lo. E aí no templo eles entraram para COMER no altar Aquele de quem falavam pelos caminhos. A missa da peregrinação banhada pela beleza de seus salmos das subidas, do magnificat, “quem semeia entre lágrimas recolhe a cantar”, foi a aliança desta procura, o pacto de amizade, da união vertical de cada universitário com deus e horizontal dos universitários entre si que repartiam naquela hora as generosidades dos seus corações; nós somos naturalmente pobres, o que ainda possuímos é a soma das riquezas do outro. A peregrinação foi esta soma de dedicação, de sacrifícios de todos e de cada um até dos que não puderam ir. Os peregrinos lá estavam de joelhos falando com Deus, cantando em torno do seu Pastor; foram não só para pedir e oferecer, mas para VER. Ver a Divina Pastora, a Mãe de Deus (MONTAL, 1958, p. 01).

A chegada dos peregrinos no templo acolhedor de Divina Pastora foi um marco singular na insólita trajetória da paróquia local. A cidade despertava-se para a sacralidade reconhecida pela ortodoxia católica sergipana, sendo elevada a Santuário e Centro Mariano da Diocese de Aracaju. A missa do fim de tarde, celebrada pelo bispo Dom José Vicente Távora marcou a primeira eucaristia dos peregrinos no novo santuário, que buscava se tornar um dos mais populares de Sergipe. Tornar a cidade de

Divina Pastora em grande santuário não era uma mera utopia. Ao que tudo indica, tanto a diocese como a maior parte do clero local se viam empolgados com oportunidade criar um novo foco de devoção, tingido pelo controle dos eclesiásticos, sem as máculas da religiosidade supersticiosa. A idéia de transformar a cidade em santuário receptor de peregrinos parece que era generalizada. Até mesmo a imprensa fazia prognóstico a respeito do futuro templo dos peregrinos: “Quem sabe se este grupo de universitários que amanhã subirá a Divina Pastora, como há vinte séculos os judeus subiam a Jerusalém e como os cristãos da Idade Média rumavam à Palestina, não está abrindo a rota de uma tradição dos estudantes das faculdades sergipanas?” (A Cruzada, 1958, p. 01).

No entardecer, com o cessar das luzes naturais do dia, os jovens peregrinos se despediam do santuário. A caminhada estava encerrada. As forças renovadas para o inevitável retorno para o mundo ordinário. O limiar da sacralidade seria transpassado novamente, desta vez para a saída dos filhos da Divina. O rebanho que tinha caminhado durante todo o dia para contemplar a figura da Pastora, estava pronto para retornar ao mundo de insegurança e incertezas, para a lida cotidiana e repetitiva. Teve a missa na qual salmos e hinos foram cantados pelos universitários. Terminada a celebração eucarística, os jucistas jantaram, arrumaram suas mochilas, puseram-na nas costas e retornaram a Aracaju, na certeza de um dia poder retornar. Era só o primeiro capítulo de um enredo que teria muito a render.

### **3. O Milagre da Multiplicação**

O sucesso imediato da peregrinação da Juventude Universitária Católica repercutiu positivamente no cenário devocional católico de Sergipe, mobilizando o clero e diferentes setores da sociedade local para repensarem a possibilidade de incrementarem as celebrações religiosas no Santuário da Divina Pastora. Ainda nos primeiros anos de empreitada da JUC pelas estradas da antiga Ladeira, cogitou-se ampliar os participantes da nova devoção, consolidando definitivamente a tradição de peregrinar. Um dos veículos mais usados para difundir o modelo devocional foi a imprensa, que em Sergipe também passava por um processo de renovação, com a mudança do diretor do jornal A cruzada e a criação da Rádio Cultura.

O maior difusor das peregrinações em Sergipe nesta época certamente foi o padre Luciano Duarte, entusiasta idealizador da caminhada da JUC. Ele usava de sua coluna semanal em A Cruzada para apresentar a grande relevância histórica que esse tipo de devoção detinha na cristandade. O tema foi alvo de suas reflexões em diferentes segmentos sociais, além da famigerada classe pensante. Em alguns momentos o assistente da JUC chegou a evidenciar a peregrinação como algo inerente ao espírito humano, como pode ser observado no artigo seguinte:

O hábito de peregrinar aos lugares santos é algo que corresponde tão profundamente à natureza humana, que traços desse costume se encontram em quase todas as religiões. Os gregos peregrinavam à ilha de Delos e depois ao santuário de Apolo, em Delfos, onde o peregrino Sócrates iria descobrir a semente de sua vocação de filósofo e sábio. Os hindus peregrinam aos seus rios sagrados. Os muçulmanos vão a Meca, e esta peregrinação é dos deveres do islam. Quando o cristianismo se estabelece na Europa, durante a Idade Média, três grandes peregrinações movimentavam, todos os anos, um número incalculável de peregrinos: as romarias a Jerusalém, a Roma, e a Compostela (DUARTE, 1959, p. 01).

Percebe-se que Luciano Duarte busca legitimar o ato de peregrinar remontando às mais diversas tradições religiosas. Ela não seria fruto da invenção católica ou cristã, mas da humanidade em busca do seu universo sagrado, do homem fugitivo da realidade ordinária a procura do extraordinário. Neste sentido, todo ser humano deveria peregrinar, em ato de reconfortar-se. Ele chega a se referir ao conceito de umbigo do mundo para demonstrar a relevância dos santuários no universo religioso, destacando a importância de Jerusalém na cosmovisão cristã, a partir do texto "L'Annonce fait à Marie" de Claudel:

Jerusalém está tão longe! O paraíso é mais longe ainda. Deus, no tabernáculo, está conosco aqui mesmo. Mas não está aqui o grande buraco no chão! Que buraco? O que fez a cruz, quando ela foi plantada. E eis que ela atrai tudo a si. Lá está o ponto que não pode ser desfeito, o nó que não pode ser desatado, o patrimônio comum, a pedra que não pode ser arrancada, o centro e o umbigo da terra, o meio da humanidade, onde tudo se sustenta juntamente (CLAUDEL, apud. DUARTE, 1959, p. 01).

A narrativa de Claudel é elucidativa para compreendermos a cosmovisão do homem religioso. O peregrino essencialmente caminha para o centro do mundo, para o umbigo, no qual tudo teria começado, que é metaforicamente simbolizado pelo santuário. Em meio ao caos, cercado pela massa inerte, inócua, o *homo religiosus* se

predispõe a caminhar para o além, em busca de sua realidade sagrada que permanece alhures, um pouco além, a poucos passos de sua realidade cotidiana (TERRIN, 2004). O sagrado é algo que tem que ser buscado e a vida do *homo religiosus* está envolta desta busca, pois ele almeja permanecer grande parte do tempo diante do divino, da realidade extraordinária, da ordem cósmica. Ele sente a necessidade de “viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados” (ELIADE, 2001, p. 18).

Essa busca exasperada pelo sagrado parece ser comum nas religiões tradicionais dos povos antigos. Mas Duarte buscou também ressaltar o papel desempenhado pelas peregrinações no mundo contemporâneo, anunciando o renascimento da era das grandes peregrinações no final do século XIX, sendo que muitas das quais já estavam inseridas no contexto do turismo religioso. Ele aponta o período de declínio das peregrinações como consequência da onda protestante que teria assolado a Europa, mas ao mesmo tempo anuncia o revigoramento da tradição, graças ao novo fôlego dado pelas inúmeras aparições marianas que teriam ocorrido no velho Continente no século em que teria predominado a racionalização, sob os prodígios do positivismo.

Ora, acontece que, desde o século passado, um movimento de ressurreição das romarias toma cada vez mais consistência e força. Primeiro foi Lourdes, para onde seguem milhares de doentes e milhares de romeiros. Depois veio Fátima. Pèguy reabriu a rota de Chartres e todos os anos milhares de universitários seguem suas pegadas. E novamente surgiu o hábito de peregrinar a Jerusalém. Roma é o centro católico mais visitado do mundo. Os franceses estão redescobrando a estrada de Compostela (DUARTE, 1959, p. 01).

Seguindo os passos de Pèguy, o padre Luciano enfatiza a assunção da tradição de peregrinar, que teria saído do mundo dos mortos após o assassinato protestante. A discreta crítica aos concorrentes no mercado religioso reforça o propósito dos novos santuários, quase todos dedicados a Nossa Senhora. Os santuários marianos carregavam em si a especificidade católica do culto a Maria. Eram todos santuários oriundos de aparições marianas. Seria a mãe do Cristo a nova encarregada de difundir as proezas de seu Filho. Maria era a responsável pelos cuidados do rebanho do Bom Pastor. Isso legitima em parte a escolha de Divina Pastora como centro da peregrinação sergipana, pois o referido título mariano corresponde a uma suposta aparição mariana ocorrida no princípio do século XVIII. Sua igreja no interior do estado seria mais um foco correspondente às novas peregrinações surgidas na Europa, ou seja, Sergipe estaria em consonância com a vanguarda devocional do mundo católico. A devoção à égloga

Senhora, Mãe do Bom Pastor, se tornaria o ponto central da difusão do novo enfoque religioso proposto.

Deve-se lembrar que ao longo do século XIX e nos primeiros decênios do século XX a Europa passou por um surto de aparições marianas, nas quais se verificavam mensagens e pedidos. Os mais populares santuários europeus que surgiram nessa época possuem alguma relação com as milagrosas visões de Nossa Senhora, com destaque para Lourdes, Medalha Milagrosa e Fátima, sem registrar as aparições de menor repercussão na esfera católica. Ao deparar-se com o ápice do racionalismo, o sagrado teria se manifestado em sua essência mais rudimentar, com misteriosas aparições, quase sempre para mulheres. Como Sergipe nesta época não teve nenhuma aparição reconhecida oficialmente, teve que encontrar a sua representante mariana. O título devocional escolhido foi justamente o da Divina Pastora, também originário de uma aparição e de grande apelo popular, por representar a população de tez rural.

Os epítetos das caminhadas da Juventude estariam dando prodigiosos frutos. As querelas da peregrinação, os embates dos jovens despertaram o interesse em expandir os rumos do evento. Assim emanariam novas marchas de fé, englobando setores antes excluídos do projeto original. O padre Luciano, entusiasta da inserção de novos personagens nos rumos da peregrinação, temia também o avanço do turismo religioso, que estava sobrepondo às tradições do homem em busca do divino. Assim desabafou o doutor da Sorbonne:

Claro que há muito turista nos lugares santos da humanidade. Mas eu falo aqui dos peregrinos, dos verdadeiros. Estes sabem que uma peregrinação é, antes de tudo, um ato de fé. É por causa de Deus, e só de Deus, que o romeiro se põe a caminho. A estrada liberta, a estrada pede esforço, a estrada cansa o corpo. A alma asfixiada pelo corpo sedento de comodidades, toma, então, fôlego para suas arrancadas. E a meta desta marcha, o objetivo desta libertação, é Deus, a descoberta de Deus, uma aproximação maior do Senhor, ao lado de quem nós vivemos, sem conhecê-lo (DUARTE, 1959, p. 01).

O padre foi enfático ao demonstrar a diferença entre o peregrino e o turista religioso. Usando-se da metáfora do verdadeiro e do falso, ele buscou contrapor o modelo ideal de devoção, que segue pela fé, aos visitantes que buscam apenas vislumbrarem as coisas terrenas da religião, sendo estes os falsos. Além disso, é preciso observar como ele analisou a questão do sacrifício presente nas peregrinações, vistas como algo positivo, caso seja destituído dos exageros do catolicismo rústico. Para que o

homem religioso consiga atingir as benesses do sagrado é necessário que ele passe por um período de purificação, de preparação para o encontro com a realidade oposta do cosmo, o sagrado. Ao atravessar o limiar tênue entre sagrado e profano, o devoto sente a necessidade de limpar-se, de sacrificar a carne para elevar simbolicamente seu espírito. Seria a dicotomia entre carne e alma, na qual o sacrifício de uma corresponde à imediata elevação da outra. O cansaço físico é visto por este ângulo como o sinal da proximidade da benesse divina, momento da libertação da alma. O corpo era uma das preocupações do grupo diretor da peregrinação, pois visava protegê-lo na ânsia de abrir os caminhos do sagrado sem as amarras do mundo profano.

As elucubrações da Juventude pelas estradas de Divina Pastora faziam emanar uma tradição expressiva da religiosidade, sem grande interferência das incongruências do universo místico profano, ao menos esse era o anseio. A peregrinação vinha aos poucos se tornando a festa da fé debatida em terras sergipanas. Para o padre Luciano Duarte aquilo era o germe de uma tradição que teria grandes possibilidades de germinar e proporcionar resultados frutíferos, pois “agora, quando também no Brasil começa a criar-se o hábito das romarias, e também quando, em nossa Diocese, se sente que a semente de uma tradição está sendo plantada” (DUARTE, 1959, p. 01). Buscando fortalecer essa imagem de cidade das peregrinações, o mesmo buscou rememorar a força das duas caminhadas já realizadas até aquele momento, passando pelo crivo da memória o aumento e entusiasmo dos membros da JUC em ingressar na rota da Pastora. Assim,

No domingo passado, 100 universitários de Aracaju subiram ao santuário de Nossa Senhora Divina Pastora. Foi esta a segunda vez que o fizeram. Também eles, como verdadeiros peregrinos, andaram a pé pelas estradas, falando sobre religião, pondo em comum suas dúvidas e suas luzes, cantando a saudação da Virgem: Ave-Maria (DUARTE, 1959, p. 01).

As sementes jogadas no fértil solo da Cotinguiba estavam dando os primeiros frutos. Na aridez das estradas pedregosas floresciam os resultados. O rebanho da Divina não parava de crescer, vivenciando seu período áureo em sua trajetória religiosa. Os universitários tinham definitivamente aberto as portas para a realidade imensurável do sagrado. A colina sagrada poderia ser visitada por qualquer segmento que tentasse exaustivamente encontrar com a sacralidade. Estava-se, finalmente, forjando-se uma nova identidade católica sergipana, centrada na representatividade da peregrinação. O

primeiro grupo que seguiu os passos dos universitários foi o das alunas secundaristas de Aracaju, que realizaram uma marcha providencialmente feminina. A ida dessas jovens ao santuário mariano do interior foi anunciada com pompa e entusiasmo: “Amanhã, domingo, 18 do corrente, são as alunas dos nossos ginásios e colégios retomarão a mesma estrada, que pisarão as mesmas pedras, que subirão a mesma colina” (DUARTE, 1959, p. 01).

Essa nota jornalística possibilita uma série de ponderações acerca da escolha de um grupo de universitários católicos para iniciar a jornada peregrina. A proposta consistia em um ato de evangelização, partindo do princípio de dar o exemplo, com um grupo de intelectuais marchando com afinco para reencontrar o sagrado com suas benesses. Assim, criara-se o modelo ideal de cristão, digno de ser seguidos pelos mais diversos segmentos da sociedade. Foi tentando manter essa postura de peregrino que a expansão do evento ocorreu de modo consideravelmente lento, inserindo gradualmente novos sujeitos no corpo da peregrinação, de modo isolado. No emergir da década de 1960 surgiram uma série de peregrinações para o santuário, isoladas, sem uma conexão aparente entre si, mas que denotam o direcionamento do olhar do clero sergipano para a tímida cidade da Cotinguiba. A idéia de peregrinar já não soaria mais de modo tão estranho como na edição inaugural com os jovens universitários. A longa distância entre Riachuelo e Divina Pastora, antes vista como assustadoramente intransponível, não mais causava impacto; parecia até que as distâncias pareciam ter sido reduzidas. Peregrinar parecia não ser mais uma loucura, um ato insano como se chegou a cogitar nos primeiros anos. Criava-se a expectativa de que a tradição se consolidasse entre os sergipanos.

Outros grupos seguirão depois, quando a tradição se firmar. Que todos eles compreendam sempre o sentido profundo e espiritual do gesto que estarão fazendo. Compreendam que o peregrino é alguém que deixa, que parte em busca do invisível e que encontra a paz do Senhor ao termo de sua estrada da fadiga (DUARTE, 1959, p.01).

Divina Pastora sentia o grandioso milagre da multiplicação. O rebanho da Divina espalhava pelos mais diversos segmentos sociais. Com o passar dos anos, as ovelhas da Pastora assumiram novos condicionamentos, feições diferenciadas, mas sempre seguindo o mesmo caminho. Seria finalmente a vitória da ortodoxia sobre o popular? A religiosidade católica sergipana estaria sob a tutela do clero? Pouco provável

que sim, embora seja perceptível o esforço da Igreja católica em Sergipe de manter-se conectada com os embaraços que poderiam surgir com uma juventude em marcha. Foi por isso que o primeiro grupo de peregrinos era reduzido, estritamente seletivo e organizado, propiciador de diálogo e embates acerca dos temas propostos. Criar uma nova expressão de religiosidade com um público diversificado e amplo significava por em xeque todo o sucesso da proposta em curso.

Em 1960 a cidade de Divina Pastora passou a receber o maior número de peregrinos. As querelas da fé se dirigiam para as estradas enladeiradas em diferentes meses do ano, criando um calendário de visitação ao Santuário. Essas jornadas possuíam algumas das características da peregrina o da JUC, como as discussões a respeito de temáticas religiosas. Era um momento de estudo. O padre Luciano permaneceu como o maior difusor da festividade, estimulando os mais variados setores da sociedade a criarem suas próprias peregrina es. Neste sentido, entre os principais órgãos no desenvolver de novos programas de peregrina es foram as federa es e grupos religiosos, que sob a influência do clero diocesano formularam roteiros de caminhadas ao santuário. Os domingos se tornaram dias especiais na religiosidade de Sergipe, pois todo o mês tinha um grupo subindo as ladeiras íngremes, enfrentando as intempéries do tempo, desafiando o cansaço. Os pacatos moradores às margens da estrada sagrada já iam se acostumando com o ir e vir de peregrinos, animados com a entoa o das can es marianas.

Com isso, em 30 de outubro de 1960 foi publicado o seguinte convite, destinado às filhas de Maria de Aracaju. Os leigos da capital estavam podendo reassumir seu destino em busca do divino, mas seguindo um destino sob o ímpeto olhar da Igreja. Observe o singelo convite:

A Federa o Mariana Feminina no próximo dia 6 de novembro fará uma peregrina o   cidade de Divina Pastora, tendo como ponto de partida de S de da A o Católica às 8 hs. da manhã. No dia 5 às 19,30 horas, na igreja S. Salvador haverá uma hora Santa para dar a peregrina o o indispensável sentido de espiritualidade. Não   apenas um agradável passeio a uma cidade do interior. Peregrina o católica   uma espécie de encontro marcado com Deus. Estão, pois convidadas as Filhas de Maria de Aracaju a comparecerem no dia 6 domingo próximo para em conjunto estudarem o melhor caminho que poderão dar às inclina es do tempo e da vida (A Cruzada, 1960, 01).

Mesmo não sendo mencionado no respectivo convite, pode-se perceber a presença do padre Luciano nas entrelinhas do evento. Tanto a estrutura, como a apropriação dos espaços refletem o espírito inovador do mesmo. Os sinais que denunciam sua presença são inúmeros, contudo o mais pertinente é em respeito aos lugares. O encontro da véspera da peregrinação deveria ter ocorrido na igreja de São Salvador, templo no qual o padre era capelão. Mesmo apresentando possíveis chances de estar cansado pelas inúmeras funções que desempenhava concomitantemente, ele não se hesitava em desempenhar mais uma.

Com a marcha das mulheres, a peregrinação assumia novos contornos, com passos mais lentos e marcados pelo tempo. Eram as senhoras da legião, as Filhas da Divina Mãe Pastora que seguiam seu caminho em busca do encontro esperado. Mas uma vez “As Falanges da Boa Imprensa” enfatizaram o caráter devocional da celebração, que deveria estar envolta do aspecto espiritual. Peregrinação certamente não poderia ser confundida com turismo, com visitação sem fins religiosos. Caminhar para Divina Pastora não poderia ser interpretado como um passeio, mas sim como a marcha para Deus, ou seja, para o sagrado.

A movimentação da estrada era descomunal naqueles anos. Ainda em 1960 os comerciários também marcharam para o Santuário. O sonho do Pèguy sergipano estava próximo da concretização, com a expansão do número de andarilhos para diferentes segmentos sociais. A necessidade de seguir a pé para horizontes distantes estava atingindo um grupo considerável de religiosos. A imprensa entusiasticamente apresentava as novas peregrinações que iam emergindo no decorrer do ano, demonstrando também o prestígio do padre Luciano Duarte na sociedade local, em que conseguia todo o apoio para seus empreendimentos. Tinha finalmente chegado o momento dos comerciários:

Amanhã, domingo, seguirão para Divina Pastora numerosos [sic.] rapazes e moças que trabalham no comércio local, tomando parte da primeira Peregrinação dos comerciários de Aracaju ao Santuário de Nossa Senhora Divina Pastora, naquela cidade. A peregrinação dos comerciários é promovida pelo Grupo Missionário do Salvador, que tem como presidente Srt<sup>a</sup> Maria Emília Soares. O movimento conta com o apoio do SENAC-SESC, e com a colaboração das Autoridades do Estado e do Município, e de outras pessoas amigas. Os comerciários serão acompanhados por três sacerdotes, que os ajudarão na elucidação de suas dúvidas religiosas. A peregrinação partirá, de ônibus, às 8 hs, amanhã, domingo, da Igreja de São Salvador (A Cruzada, 1960, p. 01).

O aumento e diversificação dos peregrinos que se encaminhavam à Divina Pastora significaram a difusão de um novo modelo de religiosidade substanciada na observação ocular da ortodoxia. Finalmente Sergipe poderia ter um evento religioso, dentro dos auspícios do catolicismo, com relativo apelo popular sob o controle vigilante da Igreja. A peregrinação à Divina Pastora, com seus variados públicos, estava sendo controlada pelo clero, que sempre se fazia presente como sentinela da ordem oficial. Os padres que acompanhavam universitários, estudantes secundaristas, mulheres e comerciários serviam como guardiães do modelo impregnado pelo Vaticano. Nesta nova festa de igreja não haveria espaço para as práticas supersticiosas, para o catolicismo rústico ou popular. Mas as batalhas entre o sagrado e o profano, entre o oficial e o popular continuavam na seara da peregrinação.

Contudo, quando tudo indicava que as peregrinações para o mais jovem dos santuários sergipanos iriam despontar como um dos principais focos da religiosidade católica local, elas desapareceram. Sumiram sem deixar rastros de sua existência, sem apresentar motivos de seu fim. Após o milagre da multiplicação, as benesses somem no horizonte de Divina Pastora. As estradas em pedregulhos voltam a esvaziar-se, a silenciar nos domingos como há muito não ocorrera. Nada de Juventude animada entoando cânticos marianos, puxando discussões fervorosas sobre a fé que os motivava. De um momento para outro as portas do santuário voltaram a cerrar-se. O limiar entre o sagrado e o profano voltou a se tornar sólido. Parecia ser o fim da breve tradição de peregrinar em solo sergipano. Seria o fim do sonho do padre Luciano Duarte? O que ocorreu para motivar o silenciamento das fontes?

Em ciências humanas nada ocorre de modo fortuito, ao acaso. Tudo tem uma motivação, mesmo que esta não se apresente a princípio. Nesta perspectiva, o silêncio das fontes em respeito a um episódio de proporções consideráveis como a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora não pode ser ignorado. Com esse silêncio abrupto gerou a indagação sobre o que teria ocorrido com o evento que tanto gerava entusiasmo. Ele teria desaparecido ou apenas permanecido oculto, realizado sem divulgação na imprensa católica?

Inicialmente a angústia pairou sobre a investigação. Não havia vestígios suficientes que denotassem nenhuma das hipóteses. Foi preciso então provocar a

documentação, fazê-la falar, despertá-la para a denúncia de uma realidade obscurecida. Um ponto importante desse contexto é a trajetória do padre Luciano Cabral Duarte. As peregrinações sobreviveram enquanto ele esteve engajado com a sua realização, estimulando, divulgando e clamando para a participação dos diferentes segmentos sociais. Nos primeiros anos da década de 1960 o referido padre teve que ausentar-se por diferentes motivos, quase sempre levado por viagens de estudo ou cobertura dos eventos de grande impacto na Igreja cristã. A primeira viagem ocorreu em 1961, para os Estados Unidos e a segunda perdurou entre os anos de 1962 e 1964, em decorrência da cobertura do Concílio do Vaticano II. Neste intercalar de tempo, as peregrinações malograram. As marchas sagradas tiveram seus passos paralisados. As transformações nas estruturas ocorriam de modo abrupto, causando medo e insegurança. Na esfera religiosa, ocorreu um concílio e a criação da Arquidiocese de Aracaju. Na política, o golpe dos militares que assolaram com a insipiente democracia que tentava ser implantada no país. No mesmo compasso, as organizações sociais definhavam, talavam diante do sufoco da pressão antidemocrática e da suspeita dos organismos políticos oficiais.

No entanto, é provável que a principal causa da ruína das peregrinações que vinham emergindo desde o final dos anos cinquenta do século XX tenha sido a ausência de seu maior entusiasta. Sem o capelão o rebanho da Divina foi desviado, perdeu-se nas estradas da obscuridade. Morria a idéia de uma peregrinação constituída por um corpo pensante, intelectualizado. Mas a trajetória do Santuário passaria por uma reviravolta. Sergipe deixou de ser apenas uma diocese, elevando-se a Arquidiocese e contando com a criação de duas dioceses em Propriá e Estância. Em julho de 1966 Luciano Duarte foi nomeado pelo Papa Paulo VI, bispo auxiliar da Arquidiocese de Aracaju, tendo a sua sagração em outubro do mesmo ano. Em 1970 morreu repentinamente o arcebispo de Aracaju, Dom José Vicente Távora, abrindo vaga na arquidiocese e criando espaço para a ascensão de Dom Luciano. Ele permaneceu neste posto até 1971, ano em que se tornou arcebispo pela bula de Paulo VI *Cum Universae Ecclesiae*. Tinha início mais um capítulo da trajetória da peregrinação.

#### **4. A Pastora vai ao Rebanho**

O malogro da peregrinação da JUC ao Santuário da Divina Pastora não sufocou o sonho de popularizar a referida tradição em Sergipe. Com a ascensão de Dom Luciano

Duarte ao Arcebispado de Aracaju, a cidade-santuário da Cotinguiba aguardava alguma retribuição, que não tardou em aparecer. O novo arcebispo de Sergipe não só buscou retomar com o projeto da peregrinação, como também se incumbiu de torná-la o maior evento religioso do estado.

Após sete longos anos de letargia, a peregrinação foi retomada com status de grande celebração religiosa, reunindo um público de fiéis antes inimaginável para as proporções limitadas da cidade. Como arcebispo, Dom Luciano tentou organizar uma caminhada ao santuário que reunisse os mais variados devotos, sem distinção de procedência ou nível intelectual. Seria uma marcha do povo sergipano, unido sobre uma mesma devoção, congregando leigos, clero e todas as paróquias da Arquidiocese.

O ano era 1971, início de uma década tumultuada e de questionamentos dos valores predominantes até então. A convocação dos peregrinos foi geral, com a determinação arquidiocesana de que todas as paróquias de Sergipe deveriam organizar suas caravanas de devotos e seguirem ao Santuário de Divina Pastora, em um só dia. Seria o dia em que os católicos sergipanos se encontrariam, juntamente com seu clero na morada do sagrado. As portas da velha matriz de Ladeira seriam reabertas para a recepção dos filhos da Divina. Mais uma vez o tempo era exímio e urgia a necessidade de organizar um evento de proporções nunca vista antes na localidade. A magnitude da festividade fazia com que as preocupações acerca da marcha devocional fossem uma das principais pautas das reuniões do clero. Finalmente convocava-se o rebanho para seguir os caminhos da Pastora. De todas as paróquias espalhadas pelo estado saíam peregrinos em ônibus e caminhões com destino à Riachuelo. Eram os novos peregrinos, buscando seguir os trilhos que em outrora tinham sido exclusivos dos universitários e que finalmente se abriam para todos os segmentos sociais. Foi nesta perspectiva que a Arquidiocese anunciou incisivamente o grande ato:

No dia 15 de outubro, terceiro domingo do mês corrente, vai ter lugar um grande acontecimento na vida da Arquidiocese de Aracaju. Convocada pelo Arcebispo Dom Luciano José Cabral Duarte, vai realizar-se naquele dia, às 16 horas, a Primeira Peregrinação de todas as paróquias da Arquidiocese de Aracaju ao Santuário de Nossa Senhora, em Divina Pastora (IDLD, 1971, Cx. 51, Pc. 04, doc. 4.1).

Dom Luciano Duarte teve um aliado na difusão da nova peregrinação. Era o novo pároco de Divina Pastora, Raimundo Cruz (1982), que se tornou o principal responsável pela estruturação da cidade para a recepção de seus inúmeros peregrinos,

que convergiam de todos os recônditos lugares. A partir deste ano, a cidade de Divina Pastora passava por uma verdadeira revolução espacial anual, transformando num importante centro atrativo de peregrinos, multiplicando a sua população. Seus escassos habitantes assistiam a chegada de um número cada vez maior de caminhantes exasperados pela relação de proximidade com o divino. Assim, de um dia para outro a pequena Divina Pastora, rompia com seus grilhões agro-pastoris, com uma estrutura insipiente recebendo cerca de setenta mil peregrinos. Era a constituição de um território flexível, temporário, que se fazia e desfazia em um único dia. Nas estradas a poeira era levantada como nunca tivera sido antes. Os milhares de passos se multiplicavam entre os pedregulhos, a torturar os pés simples e sofridos dos peregrinos.

Partindo desta acepção, torna-se pertinente questionar se há ou não uma relação de continuidade entre as peregrinações das décadas de 1950 e 1960 e a da Arquidiocese de Aracaju. Sabe-se que a caminhada desenvolvida a partir do ano de 1971 era destinada a todos os católicos pertencentes às paróquias sergipanas. A preocupação não estava mais centrada na formação religiosa dos peregrinos, mas com os números a serem atingidos. A peregrinação à Divina Pastora renasceu com força aglutinadora e pompa, tornando-se uma das principais solenidades religiosas do estado. Ao mesmo passo em que o número de fiéis participantes do evento era alargado, o controle do clero sobre o mesmo diluía-se no transcorrer do tempo. A peregrinação que tinha nascido sob o pretexto de renovar o campo devocional do católico, sob o olhar vigilante dos pastores assumia vida própria. Os populares se apropriaram do bem religioso e redefiniram seu perfil, adequando-o ao meio ao qual estava inserido.

Desse modo, torna-se difícil enfatizar o aspecto de continuidade entre as duas expressões de peregrinações, pois as mesmas possuem características visivelmente distintas. Todavia, alguns fatos não podem ser negligenciados, como a presença de Luciano Duarte. Ambos os modelos de marcha sagrada foram criados pelo mesmo personagem, seja enquanto padre assistente da JUC, seja como arcebispo de Aracaju. A importância dele é de tamanha visibilidade que nos seus momentos de ausência a proposta de peregrinação morreu, retornando somente com a sua posse como arcebispo. Neste ensejo, seria um inequívoco não ignorar o fio condutor que permeia todas as caminhadas desenvolvidas à Divina Pastora: a figura de Luciano Cabral Duarte.

Pode-se afirmar com segurança que mesmo a peregrinação de 1971 sendo constantemente apresentada como sua primeira edição, ela representa a persistência do ideal de 1958, em promover uma marcha penitencial com destino a um santuário mariano. Observe que no histórico da paróquia de Divina Pastora constam as duas datas da peregrinação:

Ainda precisamos ressaltar que no ano de 1958 o nosso Arcebispo Dom Luciano José Cabral Duarte, então sacerdote teve a iniciativa de criar com os universitários de Sergipe uma peregrinação a Igreja de Nossa Senhora Divina Pastora (...). Em 1971 em outubro o Exmo. Sr. Arcebispo de Aracaju Dom Luciano José Cabral Duarte estabelece o terceiro domingo da Peregrinação de toda a Arquidiocese ao Santuário de Nossa Senhora Divina Pastora. Peregrinação que consiste numa caminhada penitencial a partir das 10 horas da manhã, saindo da frente da Igreja matriz de Riachuelo até o santuário de Nossa Senhora Divina Pastora (ACMA, 1982, p. 01).

Como se pode perceber, o autor do histórico da paróquia, Raimundo Cruz (1982), utilizou de verbos diferenciados ao se referir as duas formas de peregrinações. Enquanto ele diz claramente que Luciano Duarte teria sido o responsável pela criação da peregrinação da JUC e estabeleceu a data da nova caminhada. Neste sentido, ele criou a primeira e apenas transferiu sua data de realização, englobando novos sujeitos, ou seja, estabelecer uma nova data não significa ruptura, mas sim uma reforma, mudança estrutural.

A retomada com realização da peregrinação ao Santuário de Divina Pastora simbolizou a inserção de participantes das mais distantes localidades, inclusive os paroquianos das dioceses de Propriá e Estância, além de peregrinos além divisas. Com isso, baianos e alagoanos se uniram aos sergipanos para marcharem em direção ao santuário da egrégia Senhora dos rebanhos. O mundo bucólico de Divina Pastora se tornava finalmente o principal núcleo de turismo religioso de Sergipe, como ressaltou o vigário da cidade no histórico sobre a peregrinação que “fato este que está tendo adesão de outras dioceses, como seja Propriá e Estância e fora do estado de Sergipe” (ACMA, 1982, p. 01).

A adesão das paróquias sergipanas foi o anseio da Arquidiocese nos primeiros anos, que buscava ter a presença em massa de leigos e religiosos nas estradas. Com isso, os informativos anunciavam entusiasticamente as paróquias que já haviam confirmado a presença:

Chegam notícias de numerosas adesões à grande Peregrinação Arquidiocesana, já sendo certa a presença de representações de Frei Paulo, Campo do Brito, Itabaiana, Laranjeiras, São Cristóvão, Maroim, Santo Amaro, Rosário do Catete, e um número bastante grande de ônibus, com os peregrinos das várias paróquias de Aracaju (IDLD, 1971, Cx. 51, Pc. 04, doc. 4.1).

A agitação difundiu-se, provocando rebuliço em todas as paróquias arquidiocesanas. A convocação do pastor foi transmitida para as mais variadas paróquias com o objetivo de estimular a participação do maior número possível de peregrinos. A solenidade religiosa foi apresentada em muitos anos como a “Grande Peregrinação arquidiocesana ao Santuário de Nossa Senhora Divina Pastora” (Tombo II, ACMA, 1973, p. 107). No transcorrer da década de 1970 a peregrinação se legitimou como uma das principais solenidades religiosas de Sergipe. O ápice do evento ocorreu na década seguinte, em virtude das comemorações do bicentenário da chegada da imagem em Sergipe.

O início da década de 1980 foi um momento ímpar na trajetória da peregrinação, pois a paróquia local, juntamente com a Arquidiocese de Aracaju, organizou uma romaria. Desta vez não foram os peregrinos que se deslocaram pelas estradas rumo à Divina Pastora, mas sim a imagem que saiu em busca de seu rebanho. Foi o momento em que a Pastora buscou suas ovelhas nos quatro pontos extremos do estado. Não eram os devotos que se dirigiam ao santuário, mas sim a santa protetora, representativa da presença do sagrado que se dirigia para seus fiéis. O divino se manifestava pelas paróquias sergipanas, seguia as estradas em busca de seu rebanho.

A romaria da imagem teve início em 1982, logo após os festejos da padroeira em novembro. A partir de 1971 a cidade passou a ter duas grandes celebrações. A primeira era a peregrinação arquidiocesana, realizada no terceiro domingo de outubro, reunindo peregrinos de todas as paróquias de Sergipe nas poucas ruas da cidade. A segunda era a festa da padroeira, no segundo domingo de novembro e que possuía proporções locais, apesar da inexorável divulgação e participação da Arquidiocese. Neste ínterim, a imagem da padroeira saiu de sua imponente matriz, deslocando-se no transcorrer de um ano todas as paróquias sergipanas.

A romaria foi anunciada por Dom Luciano Duarte no dia da peregrinação. A imagem sacralizada saíria do seu templo, propagando a sacralidade por todo o estado. Podemos compreender essa romaria da imagem como uma estratégia de divulgação do

maior evento realizado pela Arquidiocese, para incorporar mais fiéis no rebanho da Divina. No universo religioso sergipano, constituiu-se um território flexível, que se deslocou lentamente pelas mais diversas paróquias, aglomerando fiéis, convocando o rebanho para o reencontro com a Pastora em sua peregrinação anual. Com isso, criaram-se laços de afetividade, de cumplicidade entre o *homo religiosus* e o sagrado, no caso, o objeto de culto que era a imagem. A relação espaço-sacralidade é inerente ao universo religioso. O homem produz o espaço a partir de suas experiências e a partir das quais determinados lugares são eleitos como o centro do seu cosmo. Seria a dicotomia centro/periferia, dentro/fora que permeia o campo religioso.

Como pode ser observado, a relação homem-espaço está permeada pela subjetividade, pelos laços afetivos, pela escolha de lugares santos em detrimento de localidades inócuas. O homem ao viver em sociedade constitui o espaço a partir de suas experiências com seu entorno. Assim, a saída da imagem da padroeira para uma romaria pelo estado de Sergipe simbolizou o momento de reencontro entre o sagrado e os seus devotos, mas também, e principalmente, a reafirmação do pacto, da aliança de cumplicidade entre o *homo religiosus* e o sagrado. Era a ocasião oportuna para que os devotos visitados pelo divino se comprometessem a retribuir a visitação, em forma de peregrinação. Naqueles dias a imagem de Nossa Senhora Divina Pastora era a peregrina de Sergipe. Ao todo foram sessenta e uma igrejas visitadas pela imagem de Nossa Senhora Divina Pastora e todo seu aparato arquidiocesano. Observe o anúncio da romaria:

No dia 17 de outubro de 1982 dia oficial das peregrinações o Sr. Arcebispo Dom Luciano José Cabral Duarte, decretou e anunciou para a nossa Arquidiocese o ANO MARIANO E VOCACIONAL em comemoração aos 200 anos da chegada da Imagem de N. Sra. Divina Pastora das Almas em Sergipe. Para melhor celebrarmos este evento foi elaborado uma romaria da Imagem de N. Sra. Divina Pastora pelas paróquias de nossa Arquidiocese e dioceses do Estado de Sergipe. Tendo início esta romaria no dia 18 de novembro do ano de 1982. Esclarecemos que não foi de imediato em virtude das solenidades em honra da nossa padroeira a ser celebrado no segundo domingo de novembro (Programa, ACMA, 1982).

A imagem percorreu o estado em um ano, passando em média sete dias em cada paróquia, sem deixar de visitar os principais povoados. Em 1983 a imagem chegou à Riachuelo, de onde partiria juntamente com seus peregrinos para o seu Santuário. Foi a única vez em que a imagem seguiu pelas estradas de piçarra entre as duas cidades. Nos

demais anos ela aguardava o seu rebanho na Praça do Cruzeiro, na entrada da cidade, cercada de curiosos e devotos. Mas naquele ano a imagem percorreu o itinerário sofrido juntamente com suas ovelhas, das quais muitas foram arregimentadas ao longo de sua romaria pelas paróquias.

A peregrinação de 1983 marcou definitivamente a trajetória do festejo. Milhares de peregrinos seguiram as estradas em busca da reabertura das portas sagradas, para tentar entrar no Santuário ao lado da Imagem patrona do orago que retornava após um ano de ausência, ou seja, representava também o reencontro dos moradores de Divina Pastora com a imagem de sua padroeira, da protetora.

A peregrinação cresceu e a estrutura teve que ser readequada para atender as necessidades do crescente número de peregrinos que se dirigiam ao Santuário. As dioceses de Propriá e Estância tiveram que ser inseridas com funções mais ativas. O número de missas foi aumentado.

## **5. A peregrinação, possíveis leituras**

Como foi visto, a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora é um evento religioso de grandes proporções e que pode ser vislumbrado em suas múltiplas interfaces. Ela não consiste apenas em um deslocamento aleatório para um templo católico, no qual os peregrinos seguem sem um objetivo definido. Pelo contrário, ela é um corpo vivo, marcada pela busca exasperada dos fiéis pelo consolo divino, que sempre se mantém em relativa distância. Diferentes olhares podem ser lançados sobre o fenômeno religioso da peregrinação, desde a perspectiva dicotômica do sagrado e o profano até a visão mercadológica da religião, sob a noção de mercado de bens simbólicos, passando pelo caráter vigilante impregnado na mesma. Assim, Divina Pastora revela um objeto rico de objeções, propício a fortuitas considerações que se complementam.

Interpelar sobre um universo complexo como o das peregrinações incumbe em dialogar com diferentes áreas do saber, na tentativa de perceber as diferentes nuances que permeiam o objeto estudado. Uma dessas perspectivas a serem vislumbradas certamente é o universo do sagrado e sua complexa relação com a massa profana. No cosmo religioso, é preciso atentar-se para o fato de que “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais” (ELIADE, 2001, p.

16). Assim, o homem religioso vive em busca da experiência com essa realidade sacra, diferente da massa profana e inócua a qual ele está submetido em sua rotina ordinária, no seu cotidiano. Eliade nos alerta para o fato de que “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 2001, p. 17). Todavia, a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora esconde outros espectros. Sob as sombras da memória emergiu uma solenidade com o intento de promover um novo enfoque na religiosidade católica sergipana. O sagrado não se manifestou por vontade própria na Ladeira Sagrada de Divina Pastora, mas sim, foi provocado a manifestar, a angariar fiéis para seu crescente rebanho.

Certamente as estradas que ligavam Riachuelo à Divina Pastora possuíam alguns componentes especiais, engrandecedores do espírito devoto por meio dos sacrifícios contidos. Tudo isso porque esse era o caminho que levava os peregrinos ao santuário, à morada da Divina Pastora. Deve-se lembrar que para “o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras” (ELIADE, 2001, p. 25). Isso corresponderia, a princípio, o pensamento de criação do mundo, no qual a experiência religiosa desempenha papel fundamental.

Na cosmovisão religiosa, o homem vive em eterna busca pelo sagrado. Inexoravelmente ele não consegue permanecer muito tempo em contato com a realidade sacra, sendo inevitável o seu retorno para a realidade profana. O sagrado é ponto fixo, a ordem, o umbigo do mundo para o qual o homem religioso sente a latente necessidade de entrar em contato e permanecer determinado período de tempo, mesmo que seja esporádico.

Em Divina Pastora essa relação é bem perceptível. Ainda escuro, com os primeiros raios de sol começam a chegar os primeiros peregrinos estupefatos pela longa caminhada. O ponto de convergência é a igreja matriz que recebe no decorrer de todo o dia uma imensidade de peregrinos clamando por bênçãos. Dentro do espaço sagrado, da casa da Divina, o ritmo é outro. Ao contrário da agitação alucinante que permeia toda a cidade, a igreja matriz é marcada pelo tempo lento da contemplação. Os peregrinos adentram no Santuário a passos lentos, vislumbrados com a beleza dos painéis do forro e principalmente com os olhares voltados para o altar-mor, no qual aparece a singela imagem alvo de devoção. É preciso ter paciência para dirigir-se até a imagem, pois a

multidão arrasta-se ao longo do dia para contemplar a Pastora do rebanho de fiéis, com chapéus de palha nas mãos e olhos marejados pela emoção de poder ter diante de si o símbolo da manifestação sacralizada. No momento do encontro da ovelha, muitas vezes desgarrada com a Divina Pastora o tempo parece parar. Nada mais existe em volta. Há apenas a imagem sacralizada e o devoto, fiel peregrino que tanto caminhou para encontrar a Mãe do Bom Pastor. O corpo purificado pelo sacrifício, o olhar levemente envergonhado e cabisbaixo de respeito ao momento único de experiência contemplativa, os chapéus em mãos sofridas pelo trabalho e as súplicas diluídas em sussurros ecoando pelos lábios são flechas de um universo distinto da rotina. Trata-se do tempo extraordinário.

A busca pela proximidade da sacralidade é uma característica constante do universo religioso. No momento em que chega ao santuário, o homem religioso tenta aproximar-se o máximo possível do sagrado, na tentativa de ter uma experiência íntima com esta nova realidade cósmica. Como se pode perceber, ocorre uma disputa entre os peregrinos por um lugar mais próximo do divino. Ao ser manifestado, o sagrado passa a ser alvo de disputas entre os homens religiosos. Elementos como o toque, o beijo, a circunflexão e as orações podem ser vistas como sinais de respeito com a realidade sacra. O homem tem a necessidade de buscá-la. Essa busca ocorre porque o sagrado sempre está alhures, alguns passos além do devoto. Por esse motivo a peregrinação constitui uma necessidade latente ao homem religioso. Assim,

Não somente o que está no céu, porém, mas também o que está distante, que está alhures, que está mais adiante serve como imagem forte da simbologia religiosa. Deus, o sagrado é o que está em outro lugar, distante, é o outro e o alhures, é aquela realidade que, se num nível de linguagem religiosa só pode ser expressa por meio de metáforas, símbolos, alegorias (TERRIN, 2004, p. 371).

Isso explica a necessidade de se realizar as peregrinações. O homem religioso sente a necessidade de buscar o que lhe falta, ou seja, tem a carência da ordem cósmica, da esfera extraordinária do mundo. Por esse ângulo, peregrinar constitui uma necessidade latente ao homem, em sua perspectiva religiosa. A partir de 1958, Divina Pastora passou a desempenhar esse lugar não-comum, a casa permanente do sagrado que deveria ser alcançado e contemplado. As duras caminhadas passaram a fazer parte da vida de muitos devotos, que viam na espiritualidade um subterfúgio para seus tormentos enquanto o clero buscava renovar a fé do sergipano.

O lugar não-comum é o santuário, que emergiu em Divina Pastora a partir de um documento do bispo diocesano Dom José Vicente Távora. Finalmente as portas do santuário eram abertas para a nova cristandade, em busca de renovação e, acima de tudo, de expansão da doutrina católica. Ele representa a morada privilegiada do sagrado. Além disso, pode ser lido como um lugar de memória, no qual as diferentes impressões dos seus peregrinos foram deixadas pelas estradas e pelo templo. Com o tempo foi tecida uma imagem de cidade das peregrinações, na qual a cidade metamorfoseou-se em centro de recepção de peregrinos.

Por ser um lugar privilegiado da memória, o Santuário de Divina Pastora possui um percurso próprio, no qual a lembrança anda amparada pelo esquecimento. Enquanto eleva-se a memória das caminhadas da JUC, os períodos subseqüentes foram sufocados no esquecimento. Até mesmo as peregrinações da Arquidiocese estão defasadas em relação às da JUC no que se refere à documentação. Jacques Le Goff nos lembra que “alimentar a memória dos homens requer tanto gosto, tanto estilo, tanta paixão, como rigor e método” (LE GOFF, 1996, p. 264). Com isso, podemos entender que a memória é fruto de uma seleção voluntária ou não de vestígios, mas que revela que a sobrevivência de determinado documento sempre é intencional, demonstrando o propósito de delegar ao futuro determinada imagem de si. Por esse mesmo motivo nenhum indício presente nas “sobras” do passado pode ser ignorado, pois ele instiga, inspira um novo enfoque sobre a realidade observada a partir do influxo de olhares treinados para a sua compreensão.

É comum que os grandes eventos religiosos, principalmente na esfera do catolicismo sejam criados símbolos identitários das celebrações, que têm como função criar a imagem que demarque território, apresente os seguidores de determinada devoção. Fitas, túnicas e chapéus povoam o imaginário religioso popular das concorridas solenidades de santos no Brasil. Em Divina Pastora não ocorreu diferente. O chapéu de palha foi elevado a símbolo maior da peregrinação, que desde os primeiros momentos sentia a ausência de uma simbologia mais concreta. Desse modo, assim como as ovelhas do nicho do altar-mor carregam as rosas designativas da Virgem, os peregrinos da Divina chegam ao Santuário com o chapéu da Pastora. O rebanho de alguma forma já tinha sido demarcado.

Até a palavra era objeto de atenção na peregrinação ao Santuário. Cada ator da trama deveria ter seu papel e sua fala demarcada na grande apresentação sacra. Essas falas eram treinadas nos cursos preparatórios que capacitavam os líderes de equipes. Eram sobre esses personagens que incidiam as maiores responsabilidades. Eles deveriam ser os mediadores da palavra determinando quando deveria haver silêncio ou discussão do tema proposto. Além disso, eles deveriam atentar-se para evitar o risco de monopolização do discurso em detrimento do silêncio dos demais. Pode-se dizer que “o chefe de equipe deve cuidar que, nas discussões todos falem na sua equipe. Às vezes há um ou outro elemento que tem tendência a monopolizar a palavra. Saber controlá-los” (IDLD, Cx. 34, Pc. 04, doc. 4.1, 1960).

Todo esse controle era cronometrado. Cada ação dos peregrinos da JUC era prevista no roteiro do evento, constando o horário do início e do término. A peregrinação, nos moldes iniciais perdurava todo o domingo em marcha, pois somente no final da tarde de domingo é que os jovens estudantes despertavam na bucólica ladeira que dava acesso a cidade onde assistiam a uma celebração eucarística. Pode-se dizer que o enfoque maior recaía sobre a caminhada, fato este que foi invertido com a adesão das paróquias da Arquidiocese de Aracaju. A partir de 1971, o enfoque da peregrinação foi deslocado gradativamente para o Santuário, que desde as primeiras horas do dia passava a receber os peregrinos oriundos das mais diversas paróquias.

Para se ter uma idéia desse deslocamento de foco, nas peregrinações atuais as celebrações religiosas têm início no sábado que antecede ao grande dia, com a realização de missas e apresentações artísticas destinadas aos peregrinos que antecedem a caminhada. Isso demonstra que o evento está passando por mais uma transformação, adequando-se às propostas de turismo religioso que invadem o cenário nacional, inserindo na celebração espetáculos artísticos, que muitas vezes promovem adaptações de músicas profanas para a transmissão de mensagens de cunho religioso. As paródias religiosas perduram por todo o dia na peregrinação ao mais popular Santuário católico de Sergipe, demonstrando que a relação sagrado/profano é dicotômica, mas também complementar, pois em muitos momentos se torna praticamente impossível discernir uma realidade da outra.

#### REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O Império do Divino**: Festas religiosas e Cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O Carnaval Devoto**: um estudo da festa de Nazaré, em Belém. Rio de Janeiro. 1977. 144 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) UFRJ.

ARQUIDIOCESE DE ARACAJU. **Livro de Tombo da Arquidiocese de Aracaju**. Vol.I e II. Aracaju, 1911-2008.

CRUZ, Raimundo. **Histórico da Paróquia Nossa Senhora Divina Pastora**. ACMA. 1982.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Trad. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, Rubem César. Aparecida: Nossa Rainha, Senhora e Mãe, Saravá. In: **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC. Vol. 4, nº 21, 1985.

GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas, Sinais**: morfologia e História. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leite. 2ª Ed. Campinas-SP: Unicamp, 1996.

MACHADO, Manoel Cabral. Dom Luciano. In: **25 anos de Sacerdócio**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1973.

PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação no Sertão. In: **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, Vol. 24, nº 142, 1998.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e Horizontes do Sagrado**: culturas e religiões. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.